

## FLORA INÉDITA DE ANGIOSPERMAS PARA A BACIA DE BOA VISTA, PARAÍBA, BRASIL

Cleide Regina MOURA<sup>1</sup>, Tânia Lindner DUTRA<sup>2</sup>, Thiêrs WILBERGER<sup>3</sup>, Geysson de Almeida LAGES<sup>4</sup>  
& Vladimir Cruz de MEDEIROS<sup>5</sup>

A Bacia de Boa Vista se insere no contexto da Zona Transversal, Domínio Alto Moxotó, representado na área por ortognaisses migmatizados do Complexo Cabaceiras e rochas supracrustais. Consiste em um hemi-gráben controlado pela reativação extensional da Zona de Cisalhamento Cabaceiras-Boa Vista. É preenchida por uma seqüência vulcano-sedimentar, caracterizada por derrames basálticos, argilitos bentoníticos e arenitos. A idade dos basaltos sobrepostos indica o limite Oligoceno-Mioceno Inferior. Os arenitos são arcosianos a arcóseo líticos e englobam pedaços de lenhos silicificados com até 2 m de comprimento. Os argilitos bentoníticos estão distribuídos em três fácies, uma de argilitos verde lodo (Agvl), outra de argilitos marrom claro (Agmc) e, a terceira, de argilitos marrom escuro (Agme). Os restos fósseis foram identificados nos níveis intensamente falhados e fraturados da fácies Agmc, onde a espessura pode chegar a 30 m, e provêm de dois locais distintos. São compostos por folhas, frutos e fragmentos de madeira, acompanhados de icnofósseis em forma de tubos verticais e horizontais. Raízes autóctones também foram observadas. Entre os numerosos e variados restos de folhas, preservados como impressões, dominam os tipos laurofílicos, membranáceos ou coriáceos, caracterizados por margens lisas e nervuras broquidódromas. Alguns mostram uma razoável preservação das nervuras de terceira ordem, o que permite aproximar suas afinidades taxonômicas. O conjunto atesta uma flora tropical a subtropical, com elementos que ainda hoje crescem nas áreas litorâneas da mesma região, com o domínio de folhas e folíolos relacionados com as famílias Lauraceae, Fabaceae (aff. Caesalpinoideae), Anacardiaceae (aff. *Anacardium occidentale*) e Apocynaceae, formas igualmente presentes nas áreas mais secas do interior do Brasil Central. Mais raras, ocorrem ainda formas ligadas às famílias Annonaceae, Tiliaceae (*Luehea* sp.), Chrysobalanaceae (aff. *Licania* sp.) e Burseraceae (aff. *Commiphora* sp.). Este conjunto, de afinidades preferenciais com ambientes sujeitos à carência hídrica, sugere uma relação com as fases mais áridas que acompanharam os intervalos de queda na temperatura global do limite Oligoceno-Mioceno e Mioceno Inferior, apoiando os dados geológicos de idade. Alguns dos restos aqui identificados, especialmente aqueles que exibem morfologias encontradas nas famílias Tiliaceae, Lauraceae, Annonaceae e Fabaceae, já haviam sido registrados no Brasil em níveis mais antigos, nas bacias de Fonseca e Aiuruoca, em Minas Gerais, e para o Mioceno, na Formação Pirabas, no Pará.

<sup>1</sup> CPRM-Serviço Geológico do Brasil, SUREG-RE, Recife-PE, Brasil (cmoura@re.cprm.gov.br).

<sup>2</sup> PPGeo, UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brasil, sob os auspícios do CNPq (BPQ e PIBIC-CNPq e FAPERGS) (dutratl@gmail.com).

<sup>3</sup> PPGeo, UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brasil (thiers\_w@hotmail.com).

<sup>4</sup> CPRM-Serviço Geológico do Brasil, SUREG-RE, Recife-PE, Brasil (glages@re.cprm.gov.br).

<sup>5</sup> CPRM-Serviço Geológico do Brasil, SUREG-RE, Recife-PE, Brasil (vladimir@re.cprm.gov.br).